



## O futuro da igreja em uma sociedade em transição e o papel da educação teológica

*The future of the Church in a transitory society and the role of theological education*

**Antonio Carlos Barro**

*Docente no PPG de Teologia da Faculdade Teológica Sul Americana (FTSA)*

**Resumo:** Na reflexão sobre a educação teológica para o futuro, é imperativo ancorar o currículo na *missio Dei*. A missão da igreja não deve ser tratada como um curso isolado, mas como um princípio teológico integrador que permeia todas as disciplinas. Destaco que a formação de líderes eclesiais deve centrar-se na compreensão de que a igreja não é um fim em si mesma, mas uma comunidade de Deus para o mundo. É essencial formar líderes com uma perspectiva voltada para o mundo, em consonância com o exemplo divino de amor pelo mundo. A formação pastoral tradicional, frequentemente concentrada nos aspectos internos da igreja, necessita de uma ampliação para incluir a preparação para o serviço na sociedade. Advogo por uma abordagem mais ampla e relevante, visando conferir à igreja significado em seu contexto. A resistência da igreja em abraçar plenamente sua missão está relacionada à falta de compreensão de seu papel bíblico-teológico. Concluo ressaltando a urgência de a igreja se envolver ativamente com os desafios e oportunidades da sociedade contemporânea. Atualizar o currículo é crucial para preparar líderes orientados para o futuro, evitando assim a irrelevância em um mundo em constante transformação.

**Palavra-chave:** Igreja. Igreja do Futuro. Educação Teológica. Missão de Deus.

**Abstract:** In reflecting on theological education for the future, I emphasize the need to ground the curriculum in *missio Dei*. I highlight that the church's mission should not be just an isolated course but rather a theological concept that permeates all disciplines. I argue that leadership training should be centered on the understanding that the church is not an end but a community of God for the world. I underscore the importance of forming leaders with a focus on the world, following God's example, who loved the world. I emphasize that traditional pastoral training, often focused solely on internal church aspects, should be expanded to include preparation for service in society. I point to the need for a broader and more relevant approach, aiming to make the church significant in its context. I note that the church's resistance to fully embracing its mission is related to a lack of understanding of its biblical-theological role. I conclude by highlighting the urgency for the church to actively engage with the challenges and opportunities of contemporary society, updating its curriculum to prepare future-focused leaders to avoid irrelevance in an ever-changing world.

**Keywords:** Church, The church of the future, Theological Education. The Mission of God.

## **Introdução**

O tema do futuro da igreja sempre suscitou grande interesse em minha investigação acadêmica (KOHL, BARRO, 2010). Recentemente, fui indagado por um amigo que apresentava uma questão profundamente pertinente: “Será que a igreja permanece contemporânea e relevante em face das rápidas transformações em nossa sociedade? E, caso a igreja não busque a relevância, poderia o seminário teológico assumir um papel privilegiado na solução desse desafio?” Esta questão revela-se perspicaz e alinhada com o atual panorama da igreja evangélica brasileira, especialmente considerando seu contexto predominantemente urbano.

No Brasil, o desenvolvimento urbano se deu de maneira rápida e desordenada, sem um planejamento capaz de absorver as demandas de serviços e equipamentos públicos e comunitários, multiplicando construções precárias que, muitas vezes se localizam em áreas de risco. Habitações irregulares, em geral, sofrem mais rigorosamente com a ocorrência de desastres naturais que danificam propriedades, interrompem serviços e colocam em risco a vida humana, situações em que inundações se destacam como problema recorrente (DUARTE, MIGUES, VERÓL, 2021, p. 66).

A temática concernente ao futuro da igreja, considerando a situação acima delineada, deveria ser uma consideração constante na mente de todos aqueles que, de alguma maneira, exercem liderança em igrejas e organizações cristãs. No entanto, de forma surpreendente, tal atenção parece ausentar-se. A literatura a respeito do tema é escassa, e mesmo em meio a inúmeros congressos e conferências realizados anualmente, raramente se observa a exposição e convocação ao diálogo sobre o assunto.

Quando pensamos no futuro da igreja, Jayeel Cornelio (2018, p. 37), nos adverte:

Existem duas narrativas principais sobre o futuro do Cristianismo. Uma é otimista, e a outra pessimista. A perspectiva otimista afirma que a Igreja emergirá triunfante. Contra todas as probabilidades, a Igreja cumprirá sua missão divina de evangelizar e converter. A visão pessimista, por outro lado, antecipa seu declínio inevitável. Ela sustenta que o Cristianismo, como qualquer religião, perderá sua influência no futuro.

Com isto em mente, este artigo objetiva realizar uma reflexão sobre a igreja evangélica brasileira no que diz respeito à sua capacidade de enfrentar os desafios impostos pela sociedade contemporânea hoje e no futuro e avaliar se as instituições de ensino teológico estão adequadamente preparadas para equipar os líderes da igreja do futuro.

## **1 A sociedade em constante transformação**

A dinâmica social sempre experimentou transformações, não constituindo, portanto, um fenômeno recente nem restrito a uma região específica do mundo. A sociedade é intrinsecamente mutável, um fato incontestável. Os indivíduos com mais de 50 anos na sociedade contemporânea enfrentam desafios ao tentar acompanhar as mudanças que ocorrem diariamente. No Brasil, por exemplo, algumas transformações já consolidadas ainda representam obstáculos para esse grupo demográfico. Uma ilustração disso é a prática adotada pelos bancos, que designam um funcionário para auxiliar os idosos na realização de saques nos caixas eletrônicos. Ao visitar uma agência bancária, observa-se várias máquinas desocupadas enquanto do outro lado há uma fila extensa de pessoas aguardando atendimento. Em relação às mudanças em curso, lemos:

A velocidade da mudança no mundo empresarial não irá diminuir tão cedo... As empresas de todo o mundo se defrontarão com obstáculos ainda mais terríveis e oportunidades maravilhosas, provocados pela globalização da economia associada às tendências sociais e tecnológicas (KOTTER, 2017, p. 163).

Kotter, conforme mencionado, aponta que a tecnologia emergirá como um dos principais impulsionadores das mudanças globais. Neste momento, destacam-se termos como moedas digitais, ETFs, inteligência artificial, robótica autônoma e metaverso. Observamos a aquisição de propriedades virtuais e investimentos em jogos digitais, dentre outras práticas. O impacto dessas mudanças é palpável, levantando a questão de como os indivíduos mais idosos percebem e enfrentam esse cenário dinâmico. Por outro lado, jovens residentes nas periferias urbanas e no extenso interior brasileiro aspiram a quais horizontes futuros? São sujeitos que frequentemente se veem desafiados a se adaptar a um ritmo acelerado de transformações, culminando em um processo de invisibilidade gradual e, por vezes, no descarte social.

Num futuro próximo, que já se faz presente, milhões de pessoas enfrentarão a exclusão do mercado de trabalho, gerando dificuldades significativas para sua sobrevivência nesta nova configuração social. A automação e a complexificação crescente das máquinas, especialmente evidenciadas no contexto do trabalho rural, tornam obsoletas atividades rotineiras antes desempenhadas por diversas pessoas. Um dos sérios riscos associados a esse cenário é o potencial afastamento dessa população para formas de trabalho análogo à escravidão. Diante desse panorama, os trabalhadores veem-se impossibilitados de “decidir voluntariamente pela aceitação ou desligamento do serviço” (SEPULVEDA, ROCHA, 2020, p. 204), enfrentando sérios riscos de penalidades e privações.

Nos atemos aqui apenas em uma esfera que impacta diretamente todas as dimensões de nossas vidas: o trabalho. No entanto, é pertinente estender essa reflexão a outras áreas, uma vez que os desafios apresentados certamente se estenderão por diferentes setores.

## **2 A igreja e o desafio das transformações no mundo**

Uma análise criteriosa do desenvolvimento da presença evangélica no Brasil, desde os primeiros colportores que chegaram nos navios mercantes promovendo a

venda de Bíblias e panfletos cristãos, até a disseminação atual em milhares de igrejas, revela a ausência de uma tendência da igreja em envolver-se na sociedade buscando melhorias ou dignidade para o ser humano.

O primeiro passo imperativo para a igreja consiste em reconhecer que o mundo sofreu mudanças significativas. Assim como as pessoas não encontram mais seu lugar na nova sociedade, a igreja também enfrenta esse mesmo desafio. A falta de uma postura proativa tem levado ao declínio de igrejas, especialmente em contextos europeus. Templos históricos foram encerrados, reconfigurados para servirem como bares, salões de jogos, escritórios ou, simplesmente, fechados devido à falência, resultante da diminuição de adeptos e, conseqüentemente, da falta de recursos financeiros para manter qualquer atividade cultural para um grupo reduzido de fiéis. A igreja, nessas situações, tornou-se dispensável.

O mero reconhecimento dessa realidade não é suficiente para solucionar o problema. É essencial, agora, aprofundar-se nas questões da nova sociedade, compreender seus mecanismos e modos de operação. Condenar antecipadamente o que está por vir, prática comum na igreja, não resultará em benefícios. A sociedade não está interessada em julgamentos.

Por fim, a igreja deve tomar medidas concretas para se aproximar da sociedade, não comprometendo sua mensagem, mas construindo pontes que permitam aos cristãos transitar por ela com o propósito de viver conforme o ensinamento de Jesus para seus discípulos: ser sal da terra e luz do mundo.

Com quase 55 anos de envolvimento com a igreja evangélica, compreendo que, nesse novo contexto social, a igreja enfrentará desafios significativos. Se não adotar mudanças profundas, corre o risco de se tornar irrelevante, uma realidade que já se manifesta em diversas partes do mundo.

Todavia, historicamente a igreja evangélica tem demonstrado resistência a mudanças, mantendo-se confortável com a tradição recebida desde tempos remotos, quando desenvolveu uma visão adversa ao mundo, percebendo a sociedade como uma inimiga da fé cristã. Prevalece a crença de que o mundo busca destruir a igreja, e, por conseguinte, é mais prudente manter-se afastado dele. Essa mentalidade é predominante entre a grande maioria dos líderes, que não incentivam ativamente seu povo a se envolver nos acontecimentos sociais.

Com o propósito de manter os fiéis afastados da sociedade, as igrejas implementam uma diversidade de programas semanais, visando manter as pessoas engajadas dentro das instalações do prédio. Nesse contexto, pastores e líderes demonstram notável criatividade, proporcionando atividades destinadas a todas as faixas etárias e atendendo aos diversos interesses. Essa prática é comum nas igrejas brasileiras.

Os membros da igreja experimentam uma sensação de contentamento, considerando-se bons cristãos, uma vez que estão envolvidos na “obra de Deus”. Os líderes eclesiásticos expressam satisfação ao perceberem que mantêm seu rebanho resguardado das influências do mundo e da concorrência com outras igrejas. Essa problemática não é inédita, sendo evidenciada já no início da década de 1970 por E. Stanley Jones (1970, pp. 111-112), conforme sua ainda atual observação:

Na igreja do futuro, o teste mais importante ao seu poder de sobrevivência e à sua sobrevivência com poder será a sua capacidade

de conquistar os dois terços dos seus membros que estão apanhados nos redemoinhos do inconsequente e do marginal, e que vão girando e girando, não chegando a lugar nenhum e produzindo pouco ou nada, exceto movimento. Este grupo é o maior campo missionário da igreja. Deve ser transformado de um campo de evangelização em uma força de evangelização.

### **3 A educação teológica na construção da igreja do futuro**

A educação teológica deve contribuir para a formação de uma igreja vibrante, alinhada com a missão de Deus e próxima da sociedade que busca transformar por meio da mensagem do evangelho. Naturalmente, não tenho a intenção de esgotar o tema neste breve ensaio, mas sim de convidar aqueles que estão envolvidos na educação teológica a aprofundar-se na temática e a propor reflexões internas e externas no contexto da igreja do futuro.

A edificação de uma nova igreja é um processo intrincado que requer uma fundação teológica robusta para orientar tanto sua construção quanto seu funcionamento. A seguir, apresentam-se dez temas relevantes que poderiam ser abordados no âmbito do ensino teológico para subsidiar esse processo:

#### *Eclesiologia*

Um dos temas mais cruciais para o futuro da igreja envolve uma reflexão introspectiva. São numerosas as perguntas a serem formuladas, mas antes desse questionamento, é imperativa uma compreensão profunda da natureza e do papel da igreja nos desígnios divinos. A comunidade eclesial deve regressar aos preceitos bíblicos para compreender que não possui uma missão própria. Em outras palavras, a igreja não detém uma missão autônoma.

O conceito da *missio Dei* deve ser enfatizado ao máximo, de modo que os cristãos compreendam que a igreja não pode ser um fim em si mesma. Ela representa uma comunidade de Deus para o mundo, como será detalhadamente explorado adiante. Quando a igreja se torna o foco de sua própria missão, ela deixa de ser missionária e se converte em uma fortaleza com seus portões cerrados para o mundo ao seu redor.

O apóstolo João registra o que talvez seja o texto bíblico mais reconhecido por todos: “Porque Deus amou tanto o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (João 3:16, NVI). Destaca-se a ênfase conferida ao objeto do amor divino: o mundo.

A educação teológica deve, portanto, fundamentar seu currículo na *missio Dei*. A missão da igreja não pode ser apenas um curso dentro do escopo das disciplinas. Isso representa um equívoco significativo, pois contribui para acentuar o que os membros das igrejas percebem como “missões”. A *missio Dei* é um conceito teológico que deve permear todas as disciplinas teológicas.

#### *Liderança*

Se Deus amou o mundo, conseqüentemente, precisamos formar os líderes do futuro com os olhos para o mundo. Neste caso, o papel das escolas teológicas é essencial. Um treinamento que ultrapasse as paredes da igreja em direção aos que Jesus apontou em João 10:16: “Tenho outras ovelhas que não estão neste curral. Eu

preciso trazer essas também, e elas ouvirão a minha voz. Então elas se tornarão um só rebanho com um só pastor).

A formação pastoral brasileira ainda tem como alvo os que estão dentro e muito pouco é ensinado com vistas aos que estão fora. Os futuros pastores e pastoras são treinados para compreender as línguas originais, teologia sistemática, história da denominação, livro de ordens, as doutrinas corretas, manuais de disciplina. A função desse ensino é treinar pessoas para manter a existência e o funcionamento da denominação. Não há nada de errado com isso, exceto por uma coisa: a igreja é o objetivo final dessa educação teológica. Um grave erro teológico.

Portanto, nesse modelo de educação, pouco importa o bairro ou local onde a igreja está localizada; o que se passa com as pessoas é irrelevante. A formação teológica é para o mundo. As pessoas devem ser formadas para trabalhar com a igreja pelo bem da comunidade. Conseqüentemente, teremos dezenas de ministérios estabelecidos por graduados tendo a sociedade em mente. Todos os tipos de ministérios devem ser contemplados, especialmente com crianças que são as pessoas mais vulneráveis de nossa sociedade.

A formação teológica tem como objetivo formar líderes relevantes para o contexto em que a igreja está inserida e não para um contexto imaginário que povoa a mente do povo evangélico. Sem isso, ela terá sérias dificuldades de sobreviver como comunidade de Deus, e restará a ela se tornar um gueto religioso com poucos e bravos aderentes.

### *Laicato*

A Reforma Protestante do século XVI enfatizou veementemente o sacerdócio real de todos os santos. Foi uma restauração teológica e bíblica do conceito do povo de Deus. Todos os cristãos desfrutaram do privilégio de acesso direto a Deus, sem a necessidade de intermediação, especialmente por parte do clero. Além disso, ressaltou-se a importância da leitura individual da Bíblia. A ideia aqui está intrinsecamente ligada à proclamação do evangelho, permitindo que cada cristão adore a Deus, o sirva e contribua para a expansão do seu reino. Essa mensagem traz consigo a visão de um Deus que enxerga a todos sem distinções hierárquicas.

No entanto, esse ideal não se consolidou ao longo da história da igreja protestante. Atualmente, observa-se uma igreja altamente hierárquica, onde a dicotomia entre o clero e o laicato é acentuadamente marcante. A liderança optou por restringir o privilégio que Deus concedeu ao seu povo de participar da expansão do Seu reino.

O maior problema aqui é que a igreja se tornou um fim em si mesma, conforme afirmado anteriormente. A missão da igreja é a própria igreja, e a função pastoral é manter o povo feliz e sempre próximo. O povo de Deus, erroneamente chamado de leigo, não presta atenção ao ensino das Escrituras, não compreende a profundidade do que Cristo realizou na cruz do Calvário e não percebe o seu papel no reino de Deus. Acreditam, por doutrinação, que estão a serviço da liderança.

Essas pessoas pensam que são meros provedores do que a igreja solicita. Os pastores, direta ou indiretamente, ensinam que o principal drama da vida cristã ocorre dentro do templo. Assim, os sermões não abordam o serviço que as pessoas prestam a Deus nas ruas, praças, mercados, locais de trabalho, escritórios, espaços públicos, escolas e fábricas. Esses espaços não são ocupados pelo clero, mas pelo povo de Deus em sua peregrinação pelo mundo.

Sobre esse tema J.C. Hoekendijk (1966, p. 83-109) já destacava que o futuro da igreja dependeria de uma compreensão profunda do pastor em relação aos leigos. Segundo ele, o pastor precisa compreender que o leigo não é seu auxiliar nem está a seu serviço; antes o contrário, o pastor é o auxiliar do leigo. Certamente, esse ideal não é algo tão simples e fácil de alcançar nos nossos dias, devido ao modelo eclesial que se concretiza em nossos contextos. Nosso funcionamento eclesiástico ainda se baseia na dicotomia clero-leigos. Nesse modelo fossilizado, o púlpito é o palco principal da igreja e é ocupado pelo pastor, a estrela da comunidade. Em contrapartida, no modelo sugerido por Hoekendijk, o palco principal da igreja está situado no mundo, e os principais atores são os leigos.

Isso faz todo o sentido quando pensamos nas palavras de Jesus ao dizer que o mundo veria as boas obras dos cristãos e o Pai seria glorificado. Em outras palavras, para que o mundo veja as ações redentoras dos cristãos, é preciso dramatizar o amor e a bondade de Deus onde não existe esperança, onde o ódio é constante, onde a desumanidade é comum, onde a banalização da vida acontece todos os dias. São nesses ambientes que a igreja, através de seus fiéis, monta o palco e mostra os sinais do Reino de Deus (BARRO, MENEZES, 2011, p. 255).

Este desafio deve integrar as escolas de teologia. Ao analisar seus currículos, percebe-se o quanto o povo de Deus ainda não é priorizado na formação dos futuros líderes que terão como responsabilidade o desenvolvimento dos membros das igrejas. Essa educação está focada na formação de um clero idealizado, mas que não se concretiza. As disciplinas de teologia ainda seguem um padrão clássico, e a práxis cristã não recebe ênfase. É, portanto, uma formação destinada a uma igreja antiquada, que não consegue compreender as mudanças rápidas que ocorrem no mundo. Se a educação teológica é direcionada a uma igreja já antiga nos dias de hoje, como será, então, essa igreja no futuro?

Suzanne de Dietrich (1958, p. 16) coloca esse desafio para os educadores teológicos quando afirma que:

A igreja tem de redescobrir repetidamente a sua vocação, a sua vocação corporativa como comunidade testemunhal tirada do mundo, separada para Deus, mas separada para ser novamente enviada ao mundo. 'Separada! – “enviada para”. A tensão entre estes dois termos deve ser constantemente mantida em mente se quisermos compreender a vocação do Povo de Deus ao longo da história.

### *Engajamento Social*

Quando abordamos o engajamento social da igreja no local em que está inserida, deparamo-nos com uma reação por parte dos cristãos que tende a repelir esse aspecto do ministério cristão. A igreja ainda opera sob a antiga mentalidade dicotômica entre o espiritual e o profano, ou entre o sagrado e o secular. Os temas que predominam nas preocupações dos líderes são consistentemente os mesmos: evangelização, crescimento da igreja e prosperidade financeira. Assim, enfrentamos uma situação potencialmente irreversível quando se trata de posicionar a igreja como protagonista nas causas prementes do mundo.

Independentemente do contexto em que a igreja esteja situada, surgirão problemas de diversas naturezas. O que falta à igreja é a compreensão de que a encarnação do evangelho não é apenas um evento histórico ocorrido na pessoa de Cristo (Jo 1), mas um processo contínuo manifestado pela presença da igreja no mundo. Ela, em qualquer época da história, encarna Cristo no seu contexto de vida. Portanto, a comunidade cristã deve desenvolver programas de alcance, prestar serviços à relevantes no bairro ou na cidade, advogar pela justiça e igualdade, e empreender esforços para atender às necessidades práticas de indivíduos e famílias, ou seja, encarnar-se para se tornar fidedigna às suas origens bíblica.

Elencamos a seguir alguns temas que precisam ser trabalhados hoje e com vistas ao futuro da igreja no mundo.

### *Parcerias*

Neste notável mundo novo, para usar a expressão de Aldous Huxley, torna-se impossível viver ou sobreviver sem estabelecer parcerias com os diversos setores da sociedade. A igreja é uma parte significativa da sociedade organizada, e não pode se dar ao luxo de se abster dos debates e desafios apresentados por este novo mundo que está se configurando diante de nossos olhos.

As escolas teológicas devem desenvolver parcerias com outras organizações da sociedade que estejam engajadas na pesquisa sobre as questões do futuro. Existem centenas de organizações estudando temas como a configuração futura da sociedade, a alimentação de uma população em constante crescimento, a preservação do planeta contra desastres ecológicos, a promoção da inclusão digital, a educação para crianças em situação de vulnerabilidade econômica e a visibilidade das pessoas com deficiência. Inúmeros artigos e livros abordam as mudanças que estão ocorrendo e ocorrerão neste momento. É um erro grave se distanciar dessas vozes, não estar atento às últimas

descobertas científicas e aos avanços para evitar o desmatamento e a poluição dos rios e mares.

Necessitamos não apenas de audição, mas também de um esforço para assegurar que nossa expressão seja reconhecida. O conteúdo que temos a compartilhar impacta o destino da humanidade, não exclusivamente em um futuro distante, como frequentemente pregamos, mas aqui e agora. Engajar-se em diálogos com desenvolvedores de jogos para compreender a juventude, colaborar com o setor financeiro para auxiliar famílias de baixa renda e dialogar com líderes políticos para a formulação de leis equitativas e dignas para os menos favorecidos. A igreja, como uma voz profética, se torna crucial em um mundo que busca significado para a existência.

Aqui estão alguns setores-chave para a igreja considerar:

- **Ciência e Tecnologia:** Ficar informada sobre avanços em ciência e tecnologia, já que eles moldam a forma como as pessoas vivem e interagem. Desenvolver uma compreensão das tecnologias emergentes e suas implicações éticas.
- **Ciências Sociais:** Envolver-se com insights da sociologia, psicologia e antropologia para entender mudanças na sociedade, comportamento humano e transformações culturais. Essa compreensão é crucial para um alcance e engajamento eficazes.
- **Estudos Ambientais:** Reconhecer a importância de questões ambientais e mudanças climáticas. Considerar como a igreja pode contribuir para a sustentabilidade e o cuidado do planeta.
- **Economia:** Compreender as tendências econômicas e disparidades. Explorar maneiras de a igreja lidar com questões relacionadas à pobreza, desigualdade e justiça econômica.
- **Educação:** Manter-se atualizado sobre desenvolvimentos educacionais, especialmente em termos de aprendizado digital e novas abordagens pedagógicas. Considerar o papel da igreja na promoção da educação e no enfrentamento das desigualdades educacionais.
- **Saúde:** Ficar informada sobre desafios e inovações em saúde. Considerar o papel da igreja na promoção do bem-estar físico e mental.
- **Política e Governança:** Estar ciente de desenvolvimentos políticos e estruturas de governança. Explorar maneiras de a igreja contribuir para a justiça social, construção da paz e defesa dos marginalizados.
- **Mídia e Comunicação:** Compreender o impacto da mídia na cultura e na opinião pública. Explorar maneiras de a igreja comunicar eficazmente sua mensagem em um cenário midiático em mudança.
- **Negócios e Empreendedorismo:** Reconhecer o papel dos negócios na sociedade. Considerar como a igreja pode apoiar práticas comerciais éticas e incentivar o empreendedorismo para o desenvolvimento comunitário.
- **Cultura e Artes:** Envolver-se com as artes e expressões culturais. Explorar como a igreja pode contribuir para o diálogo cultural e a compreensão.

Ao praticar a escuta ativa e envolver-se com esses setores, a igreja tem a capacidade de aprimorar sua compreensão sobre a dinâmica da sociedade contemporânea e enfrentar de maneira eficaz os desafios e oportunidades futuras. É imperativo que as escolas de teologia atualizem suas grades curriculares para garantir que a formação dos líderes esteja alinhada com as demandas do futuro, não ancorando-

se no passado da igreja. Atualmente, poucos dos tópicos mencionados acima são abordados nos currículos dessas instituições.

### *Inclusiva*

A inclusão social é uma abordagem abrangente e proativa adotada por indivíduos, comunidades, organizações e sociedades com o propósito de assegurar que todos, sem distinção de origem, identidade ou circunstâncias, usufruam de acesso equitativo a recursos, oportunidades e participação nas esferas social, econômica, cultural e política.

O seu propósito fundamental reside na criação de um ambiente que não apenas reconheça e respeite a diversidade, mas também a valorize, propiciando a todos os indivíduos um sentido de pertencimento e capacitando-os a envolverem-se plenamente e contribuir para a comunidade. A inclusão social promove, assim, a equidade, a justiça e a eliminação de barreiras que possam obstruir a participação integral de certos grupos em diversos aspectos da sociedade.

Se existe uma organização humana que necessita ser inclusiva, esta organização é a igreja. Como ela pode não ser inclusiva se ela reflete o amor de Deus ao mundo? Qualquer teologia séria sobre a razão de ser da igreja aponta nessa direção. Textos bíblicos em profusão apontam nessa direção. Os ensinamentos de Cristo são ilustrações poderosas dessa inclusão.

A resistência da igreja a essa compreensão, a meu ver, decorre principalmente de uma lacuna no seu entendimento bíblico-teológico acerca de sua razão de existir. Qual é o papel da igreja? Segundo o que Jesus Cristo expressa ao comissionar em João 20:21, ele o faz com as seguintes palavras: “Paz seja com vocês! Assim como o Pai me enviou, eu os envio”. A saudação inicial é seguida por uma comparação e declaração. A locução adverbial comparativa estabelece uma comparação entre duas situações, indicando semelhança ou equivalência. Portanto, Jesus estabelece que o que ele comissiona a comunidade a realizar é semelhante ao que ele veio realizar em nome de Deus. Não há inferioridade na missão da igreja; ela está no mesmo patamar da missão de Cristo.

A pergunta e o desafio que a igreja contemporânea precisa enfrentar são simples e, ao mesmo tempo, desafiadores: Como Deus enviou Jesus Cristo ao mundo? Ao realizar esse exercício, relendo as narrativas evangélicas, a igreja terá o escopo da sua missão, que não é outro senão a missão de Cristo, que é, por sua vez, a missão de Deus. Após isso, resta a ela imitar Jesus em sua missão. Quando a igreja se mostra resistente a emular essa missão, ela desenvolve a sua própria, que não necessariamente reflete a de Cristo.

Essa simples declaração de Jesus deveria modificar todo o funcionamento da comunidade no mundo. Contudo, ao longo do tempo, a igreja não apenas se tornou a guardiã da sã doutrina, mas também se autodenominou a defensora de Deus na terra. A igreja brasileira, por exemplo, protege Deus da cultura brasileira influenciada pelos indígenas e negros; protege Deus dos cristãos rotulados como liberais, dos socialistas, dos comunistas, dos homoafetivos, dos pobres, dos vulneráveis. A igreja presume saber o que Deus aceita, o que ele gosta, o que tolera, entre outras coisas. Essa igreja mediadora não tem futuro.

Um grupo, situado dentro das comunidades e diferentemente dos que estão fora, é composto por pessoas idosas. Esse é um fator crucial a ser considerado nesse

contexto em transformação: o envelhecimento da igreja. Com a saída da população jovem das comunidades locais, surge uma preocupação relacionada a essa mudança: quem serão os membros das igrejas no futuro?

Em um artigo estimulante datado de 1989, Frank Hutchinson faz diversas observações pertinentes sobre a lacuna presente nas escolas de teologia dos Estados Unidos da América: a falta de preparo dos futuros líderes da igreja para lidar com essa população que continua a crescer em todas as partes do mundo.

Apenas um número muito pequeno de seminários oferece cursos sólidos e credenciados sobre as implicações de uma igreja envelhecida para o ministério... Alguns seminários consideram esses cursos como fundamentais para a formação teológica de futuros ministros e rabinos, tornando-os obrigatórios para a graduação. Ocasionalmente, eles são incorporados a cursos de teologia pastoral. Um estudante de seminário, no entanto, respondeu à minha pesquisa dizendo: 'Claro, temos cursos sobre as implicações da gerontologia para o ministério. Fazemos o mesmo que as escolas de medicina fazem com suas aulas sobre medicina geriátrica: elas são agendadas para as 8h de sábado!' (HUTCHINSON, 1988).

Esse tema foi extensivamente explorado por David O. Moberg (1922-2023), sociólogo e acadêmico cristão, que estudava o envelhecimento da população e dos membros da comunidade de fé. Ele destacava o papel das escolas teológicas em preparar os futuros pastores e pastoras para atuarem no mundo futuro, e não no mundo passado. O desafio reside no fato de que, ao abordar essa faixa etária, muitas vezes a percepção é de que ela pertence ao passado (1970, p. 127). Poucos ministros do evangelho conseguem lidar pastoralmente com as necessidades específicas dos idosos. No Brasil, não há uma pesquisa que possa indicar quantos seminários ou faculdades de teologia estão preocupados em incluir em seus currículos o ensino sobre como ministrar a pessoas idosas. É imperativo que todos os grupos marginalizados pela sociedade sejam incorporados na igreja e considerados na educação teológica tanto no presente quanto no futuro.

### ***Negritude***

Nos últimos 10 anos, mais pessoas no Brasil se identificaram como pretas. Em 2022, 10,6% da população se declarou preta, em comparação com 7,4% em 2012. Esse aumento foi o maior entre os diferentes grupos raciais no país. Em 2022, o maior grupo racial autodeclarado no Brasil é o de pessoas pardas, representando 45,3% das respostas. Esse percentual variou ligeiramente nos últimos 10 anos, já que era de 45,6% em 2012 (G1, 2023). Os negros e os pardos juntos perfazem assim um total de 56,2% da população. Os dados do IBGE indicam uma redução na proporção da população brasileira que se autodeclara branca. Em 2021, esse grupo representava 46,3% dos brasileiros. No entanto, em 2022, esse percentual diminuiu para 42,8%, uma redução de 3,5 pontos percentuais.

Em recente estudo intitulado "Envelhecimento e desigualdades raciais" realizado pelo CEBRAP, AFRO e Itaú ViverMais (VIEIRA, 2021), destaca que os homens negros enfrentam maior exposição a diversos riscos, incluindo violência,

condições precárias de trabalho e doenças crônicas. Por exemplo, a taxa de homicídios entre homens negros é três vezes maior do que entre homens brancos. Além disso, eles têm maior probabilidade de ocupar empregos perigosos e insalubres, aumentando o risco de doenças ocupacionais. Os homens negros também apresentam maior propensão a desenvolver doenças crônicas, como hipertensão arterial, diabetes e doenças cardíacas.

O estudo conclui:

Além de explicitar as dificuldades que a população negra enfrenta para um envelhecimento ativo e saudável, os resultados dessa empreitada apontam que há um campo fértil de possibilidades de intervenção para os setores público, privado e terceiro setor. O estudo reforça a necessidade de uma discussão ampla acerca de iniciativas e oportunidades para este segmento populacional, além de mais investigações sobre as desigualdades raciais no envelhecimento (VIEIRA, 2021, p. 56).

A importância desse e outros estudos sobre a negritude brasileira deve despertar e desafiar as entidades de educação teológica a rever suas políticas de inclusão dos negros não somente nas salas de aulas como estudantes, mas também no corpo docente e em posições de liderança. A pergunta de Silva e Santos (2021, p. 408) é pertinente: “... quais seriam as perspectivas para a formação de um ensino superior mais negro?” A resposta...

Diante das rápidas mudanças e incertezas nas quais o nosso país se encontra, é possível visualizar o futuro sem turvar a vista? As conquistas reivindicadas por manifestações populares, presença marcante do Movimento Negro, conseguiram que aqueles que se encontravam tão à margem pudessem subir degraus e modificar percentuais que já são notados. A docência é um estágio que precisa ser mais conquistado. Enegrecer os currículos e a universidade, tornando-os mais plurais e multirraciais, é uma forma de execução que os princípios democráticos sejam realmente válidos (SILVA, SANTOS, 2021, p. 408-409).

Maricel Mena López também aborda a temática do enegrecimento da teologia e afirma que,

... compreender que o componente negro também esteve presente no mundo bíblico e que há um legado roubado, portanto, um desafio que surge dessa experiência é a necessidade de estudar também as contribuições culturais e religiosas legadas por este continente e que foram ocultadas pela tradição ocidental que contou sua história (2017, p. 63).

As instituições teológicas precisam criar programas e meios para combater o racismo institucional que é assim definido:

O conceito se refere à forma como o racismo se manifesta nas instituições e organizações públicas ou privadas. Esse tipo de racismo se manifesta através de barreiras, gestos e obstáculos voltados à população negra nos ambientes profissionais. O conceito também diz respeito as discriminações no ambiente de trabalho e na procura por serviços, recursos e direitos. O racismo institucional é um reflexo e efeito do racismo estrutural manifestado nas instituições, sejam elas voltadas à justiça, educação, saúde, cultura ou ainda nos diferentes âmbitos profissionais. Experiências de racismo institucional podem acarretar prejuízo na autoestima e na saúde mental de pessoas negras, gerando adoecimentos de diferentes ordens assim como queda na produtividade de trabalho (VIEIRA, 2021, p. 57).

Precisamos expressar uma preocupação válida, especialmente no contexto das escolas de teologia, que, ao falar de um Deus que não faz acepção de pessoas, precisam refletir essa verdade e diversidade em seu currículo. A contribuição da educação teológica para a igreja deve envolver uma revisão profunda de sua grade curricular, tornando-o mais plural e multirracial. Isso garantirá que as vozes e perspectivas de diversas origens sejam representadas e respeitadas, alinhando-se ao princípio da igualdade e não discriminação preconizado pela fé cristã.

### **Conclusão**

Tenho enorme apreço por Suzanne de Dietrich, teóloga leiga (1891-1981), a primeira francesa a se formar engenheira na França, mas que dedicou sua vida à formação cristã, escreveu há mais de seis décadas as seguintes palavras,

a sociedade moderna em sua complexidade apresenta muitos problemas para os quais não se encontra uma resposta direta na Bíblia. Não nos é dado um código abrangente e atemporal de ética, mas sim um Deus vivo que fala na história. No entanto, algumas diretrizes emergem: há uma visão bíblica do ser humano e da sacralidade da vida humana; da responsabilidade dos membros da comunidade uns para com os outros; do dever específico daqueles confiados com autoridade na família ou no grupo; do uso da propriedade e do uso do tempo; do trabalho e do descanso. Todas essas diretrizes permanecem válidas para o nosso tempo (1958, p. 70).

Levantamos em nossa reflexão questões importantes sobre o futuro da sociedade, da igreja e das instituições teológicas. Antecipar como será a sociedade em 2083 é, de fato, um desafio, especialmente considerando a rapidez das mudanças. No entanto, sua reflexão é fundamental, pois nos incentiva a pensar e nos preparar para o que está por vir.

No âmbito da igreja, questionar se ainda haverá templos físicos ou se as reuniões serão virtuais é uma ponderação relevante, considerando o avanço da tecnologia e as mudanças nas formas de interação. Quanto às instituições teológicas, a natureza da

instrução oferecida certamente será influenciada pelas transformações culturais, tecnológicas e sociais.

É importante manter um olhar atento às tendências emergentes e buscar adaptabilidade, mantendo ao tempo os princípios fundamentais da fé. Enfrentar o futuro com uma abordagem reflexiva e preparada é um passo crucial para garantir a relevância e a eficácia das instituições e práticas religiosas nos anos por vir.

“A igreja do futuro não é uma certeza; ela precisa ser imaginada e construída para que seja desejável” (CORNELIO, 2018, p. 39). Nesse contexto, torna-se imperativo reconfigurar a educação teológica atual, de modo a contribuir significativamente para o desenvolvimento da igreja no porvir.

### **Referências**

BARRO, A C, MENEZES, J. M. O futuro de leigo na igreja do futuro. IN KOHL, M.W, BARRO A.C. A igreja do futuro. Londrina: Descoberta, 2010, p. -227-258.

CORNELIO, Jayeel. The global challenges of the Church of the future. Concilium: International Journal of Theology, v. 4, 2018, p. 37-46.

DE DIETRICH, Suzanne. The witnessing community: the biblical record of God´s purpose. Philadelphia: The Westminster Press, 1958.

DE MELO SILVA, N. K., SANTOS, S. C. dos. (2021). DOCÊNCIA NEGRA: REPRESENTATIVIDADE E PERSPECTIVAS. *Diversidade E Educação*, 8(2), 390–413. <https://doi.org/10.14295/de.v8i2.11766>

DUARTE, C. C. R., MIGUEZ, M. G., & VERÓL, A. P. Índice de urbanidade como ferramenta suporte à gestão de políticas públicas. Encontro latino americano e europeu sobre edificações e comunidades sustentáveis. 4, 64–77. Recuperado de <https://eventos.antac.org.br/index.php/euroelecs/article/view/2502>. Extraído em 7 nov 2023.

HOEKENDIJK, J.C. The church inside out. Philadelphia: The Westminster Press, 1966.

HUTCHINSON, Frank. Coming to grips with an aging church. *The Christian Century*, v. 106, 1989, p. 206-208.

KOTTER, John P. Liderando mudanças: transformando empresas com a força das emoções. Rio de Janeiro: Alta Books, 2017

LÓPEZ, Maricel Mena. Educación teológica en grupos afrodescendientes. IN PANATTO, N. E., PREISWERK, M. Otra educación teológica es posible: nuevos sujetos y campos [livro digital]. Buenos Aires: Nicolás Esteban Panotto, 2017, p. 46-63.

MOBERG, David O. Aging and its implication for theological education. *Journal of Pastoral Care & Counseling*. Volume 24 Issue 2, June 1970, p. 127-134.

População que se declara preta sobe para 10,6% em 2022, diz IBGE. Escrito em 16 jun 2023. <https://g1.globo.com/economia/noticia/2023/06/16/populacao-que-se-declara-preta-sobe-para-106percent-em-2022-diz-ibge.ghtml>. Extraído em 15 nov 23.



SEPULVEDA, Gabriela; ROCHA, Andréa P. O trabalho em situação análoga à escravidão enquanto prática de gestão e seus reflexos para o mundo empresarial: os possíveis riscos para as empresas. Rev. TST, São Paulo, vol. 86, no 3, jul/set 2020

STANLEY, Jones E. The reconstruction of the church: on what pattern? Nashville: Abindgon Press, 1970.

VIEIRA, P.P.P. [et al.]. Envelhecimento e desigualdades raciais [livro eletrônico]. 1. ed. – São Paulo: Centro Brasileiro, 2021.